

Ensino Remoto: um Panorama do Uso das Tecnologias Digitais na Perspectiva de Graduandos da Rede Privada

Remote Learning: an Overview of the Use of Digital Technologies from Private Universities Undergraduate Students' Perspective

Tarliz Liao^{1*}
Andrea Thees²
Sonia Regina Mincov de Almeida²
Ingrid Lane dos Santos Galvão²

¹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Av. Pasteur, 458 - Prédio do CCH – Térreo. Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

²Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Av. Sete de Setembro, 3165 - Rebouças, Curitiba - PR - Brasil.

*paraotarlizliao@gmail.com

Resumo. Com o cenário atual determinando a implementação aligeirada do ensino online, o uso efetivo das tecnologias digitais surge como uma alternativa às práticas pedagógicas presenciais. Neste contexto, este trabalho visa analisar as perspectivas dos estudantes quanto às aulas remotas, a forma pela qual utilizaram as tecnologias digitais e, ainda, os impactos dessa utilização em seu processo de aprendizado e apropriação de conhecimento. Para isso, foi investigado um grupo de 34 graduandos da rede privada do Rio de Janeiro, em uma abordagem metodológica quali-quantitativa. A coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário online. Como resultado da análise dos dados coletados, foi possível traçar um panorama do que vem ocorrendo a partir dessa nova contingência educacional, mostrando que algumas das demandas foram (im)postas aos discentes de forma abrupta e sem formação prévia.

Palavras-chave: Tecnologias digitais. Ensino remoto. Educação tecnológica.

Abstract. With the current scenario determining the streamlined implementation of online education, the effective use of digital technologies emerges as an alternative to face-to-face teaching practices. In this context, this work aims to analyze the perspectives of students regarding remote classes, how they use of

digital technologies and the impacts of this use in their learning process and knowledge appropriation. For this, a group of 34 undergraduate students from private universities in Rio de Janeiro was investigated, using a quali-quantitative methodological approach. Data collection took place through the application of an online questionnaire. As a result of the analysis of the data collected, it was possible to draw an overview of what has been happening from this new educational contingency, showing that some of the demands were (im)posed on teachers abruptly and without prior training.

Keywords: *Digital technologies. Remote teaching. Technological education.*

1. Notas Iniciais

A configuração par do número 2020, carregou consigo singularidades ímpares naquele corrente ano a contar do *Novo Normal*¹, instaurado socialmente devido à crise sanitária acarretada pelo Sars-CoV-2. Esse movimento imerso e disseminado nas malhas sociais modificou não somente hábitos cotidianos, mas ainda outros, econômicos, sociais e educacionais.

Nessa direção, a instituição *escola e seus sujeitos* buscaram adaptar-se. Instituições escolares que, anteriormente a esse espaço de tempo, muitas vezes proibiam seus estudantes de acessarem seus dispositivos tecnológicos digitais, amparadas legalmente, revisitaram essa perspectiva. Professores que, em sua maioria, resistiam em incorporar as tecnologias digitais (TD) em suas práticas, passaram a utilizá-las integralmente, ainda que de modo compulsório.

Entretanto, a simples utilização *forçosa* das TD, não implica na consolidação do conhecimento. Para Moreira e Schlemmer,

[...] a tecnologia sozinha não muda as práticas pedagógicas, sendo que para maximizar os benefícios da inovação tecnológica, principalmente os que se referem às TD, importa alterar a forma como se pensa a educação. (SCHLEMMER, 2020, p. 6)

Nesse contexto, parece-nos importante pensar além, entender e se apropriar do conceito de ensino remoto (MOREIRA e SCHLEMMER, 2020) ou da junção entre o ensino presencial e o ensino remoto – ensino híbrido, tendo em vista a necessidade premente de um novo modelo de mundo mediado por essas tecnologias. Faz-se necessário ir adiante, tendo consciência de que, cada vez mais, as relações pessoais, as interações coletivas e a inserção dos sujeitos no mundo, vêm sendo mediadas pela digitalidade.

Strieder (2002) destaca que:

O cenário humano e econômico requer formas educacionais mais flexíveis para também formas de trabalho e carreira flexíveis. A realização das metamorfoses mundiais, em termos de produção de conhecimento acontece

¹O termo é endereçado às mudanças ocorridas durante a pandemia quanto a ações cotidianas e ainda, a novas formas de relacionamentos sociais.

numa rapidez sem precedentes. Educar é então oportunizar ao ser humano aprendente a possibilidade de lidar com a grande quantidade de informações disponibilizadas. (STRIEDER, 2002, p.11)

Nesse novo cenário, foi publicada em março de 2020, a Portaria Ministerial 343/2020 (BRASIL, 2020) que dispunha a respeito da substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, no tempo de decorrência da pandemia do novo Coronavírus, responsável pela enfermidade denominada covid-19.

A partir desse ponto e pela necessidade de aulas mediadas pelas TD, iniciou-se uma corrida para garantir a continuidade do ensino nas universidades brasileiras e, em especial, na rede privada. Assim, foi eleito o ensino remoto, que se define enquanto uma modalidade de ensino na qual presume-se que professores e alunos devam interagir, mesmo estando em espaços geográficos e temporais distintos (MOREIRA e SCHLEMMER, 2020). Em meio às restrições sanitárias, os diferentes níveis de ensino oferecidos por instituições do mundo inteiro precisaram se adaptar a esta modalidade para que professores e aprendizes tivessem condições mínimas de dar continuidade às suas atividades.

Entretanto, especulamos que esse exemplo de ensino remoto parece estar se pautando na simples transposição de uma sala de aula tradicional para um espaço virtual, nem sempre com as mesmas possibilidades, onde “estão a utilizar-se na maioria dos casos, as tecnologias de web conferência e as plataformas digitais numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino e pedagogia magistral” (MOREIRA e SCHLEMMER, 2020, p. 24).

Não devemos esquecer que as TD permitem, no contexto do ensino remoto, auxiliar os professores e estudantes “deixando o processo educativo mais perto da realidade dos educandos, tornando a prática pedagógica mais dinâmica, rica e contextualizada.” (GARUTTI e FERREIRA, 2015, p. 365).

Apesar das vantagens do uso das TD, este novo modelo de ensino instituído emergencialmente afluou um desconforto entre os professores e estudantes. Docentes (SIBILIA, 2012) de um modo geral buscam adaptar-se, mas não sabem como enfrentar esse novo cenário a contar do desconhecimento de novas metodologias que poderiam funcionar, o que acarreta aflições causadas pelos questionamentos acerca do significado de seu trabalho. A autora considera ainda que a escola é uma tecnologia de época, um aparelho historicamente configurado que está aos poucos se compatibilizando com os corpos e as subjetividades. Tais tendências estão se solidificando apenas agora, com o auxílio dos dispositivos móveis e outras tecnologias de recente popularização.

2. Contexto da pesquisa

Tendo a discussão anterior enquanto ponto de partida, propomos neste artigo refletir acerca dos resultados de uma pesquisa quanti-qualitativa promovida no primeiro ano da pandemia ocasionada pela covid-19. No decorrer daquele espaço de tempo, investigamos um grupo de 34 graduandos da rede privada do Rio de Janeiro, suas

perspectivas quanto às aulas remotas, de que forma utilizavam as tecnologias digitais e ainda, os impactos dessa utilização em seu processo de aprendizado e apropriação de conhecimento. Acrescentamos que os resultados dessa pesquisa, cujo instrumento foi coleta de dados, nos forneceu um panorama do que vem ocorrendo a partir dessa nova contingência educacional emostrar algumas das demandas (im)postas a discentes de forma abrupta. Indicaram ainda, que a discussão quanto à legitimação do ensino remoto pode se articular com a proposta do ensino híbrido.

Nesse sentido, Liao e Motta (2021) têm discutido o modelo praticado no Interregno Educacional Tecnológico, que poderá potencializar as discussões para um modelo de educação *Onlife*² trazido por Moreira e Schlemmer (2020). Partindo da ideia de que este modelo remoto não se consolida enquanto ensino híbrido, no sentido considerado como sendo uma das maiores tendências da Educação, sabe-se que é,

[...] um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio de ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e / ou ritmo de estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência (CHRISTENSEN, HORN & STAKER, 2013, p.7).

Segundo Bacich e Moran (2018), os professores podem inverter o modelo tradicional de uma aula, disponibilizando antes alguns materiais básicos e vídeos para estudo, para depois solicitar *feedbacks* dos estudantes, através de enquetes e avaliações programadas. Assim, através dos resultados obtidos pelas respectivas considerações e avaliações, o professor pode planejar mais atividades que estejam de acordo com as necessidades de cada um, podendo trabalhar com todos, com alguns ou individualmente, em ritmos distintos.

3. Percurso metodológico

Neste caminho, os pesquisadores vinculados a um grupo que pesquisa TD e formação docente, conjugaram uma pesquisa quali-quantitativa, buscando investigar junto a um grupo de estudantes de graduação da rede privada, durante o período de pandemia em que cursavam disciplinas *online*, suas perspectivas quanto à utilização das tecnologias digitais por si próprios, pelos seus professores, e ainda, os possíveis desdobramentos do processo de ensino, aprendizado e uma maior apropriação de conhecimento.

Cabe-nos ressaltar que a discussão acerca da escolha de abordagens qualitativas ou quantitativas (SOUZA e KERBAUY, 2017) nas pesquisas em Educação tem suscitado embates a respeito de seus usos. De forma geral, atribui-se a abordagem quantitativa àquela que se aporta fundamentalmente na estatística, no entendimento numérico dos dados. Já a abordagem qualitativa norteia-se pelas interpretações das realidades sociais. Entretanto, essa dicotomia não se faz necessária ao compreendermos que dados

² O termo Educação *Onlife* transcende todo o movimento de ensino via TD, ultrapassando a concepção de técnico e repartido na dualidade online e offline.

quantitativos têm sua representatividade a partir de um conjunto mais heterogêneo de sujeitos e que a análise das falas desses sujeitos poderá nos indicar categorias de pensamento.

Para as autoras,

[...] as várias abordagens de pesquisa são igualmente legítimas e não estão em conflito necessário. Por isso, defendem que a complementaridade deve ser reconhecida, considerando os distintos e variados desideratos da pesquisa nas ciências humanas, cujos propósitos não podem ser alcançados por uma única abordagem. (SOUZA e KERBAUY, 2017, p. 34).

Ampliando este pensamento, Minayo e Sanches (1993) pontuam que ambas as abordagens desempenham adequadamente seus papéis, mesmo que em dado momento não consigam abarcar toda a realidade observada. Contudo, “elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares, sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade”.(IDEM, p.2)

O aspecto quantitativo da metodologia escolhida evidenciou-se no tratamento estatístico dado às respostas, através de representações gráficas e inferências, enquanto o viés qualitativo esteve presente nas análises que realizamos a partir das respostas fornecidas online para as questões abertas. Nesse sentido, Minayo e Sanches confirmam indicando que:

[...] a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa (MINAYO e SANCHES, p.247, 1993).

Dessa forma, tanto a abordagem quantitativa, quanto a qualitativa, analisam fenômenos reais dando significado aos dados. Foi imprescindível conciliar ambas as abordagens nessa pesquisa, mostrando ser possível mesclar os dados e tentar compreender o fenômeno na sua totalidade.

Acrescentamos que, nesta pesquisa inspirada pela abordagem quanti-qualitativa, utilizou-se um questionário elaborado no *Google Forms* como instrumento de coleta de dados contendo perguntas abertas e fechadas descritas adiante, de forma que fosse contemplada a complexidade de variáveis e permitisse abarcar as situações previstas.

As normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, foram devidamente informadas aos sujeitos que aceitaram participar dessa investigação.

Realizamos uma pesquisa com jovens graduandos de doze universidades da rede privada da cidade do Rio de Janeiro, cuja faixa etária variava de 18 a 25 anos de idade e inscritos em diferentes cursos de graduação, o que nos proporcionou maior

heterogeneidade nas respostas. Não julgamos significativo categorizarmos os cursos frequentados por cada um, nem mesmo as universidades, uma vez que nosso objeto de observação seria a condição de que, nessa faixa etária, os sujeitos respondentes são nativos digitais (PRENSKY, 2001). A opção da rede particular ocorreu pelo fato destas terem migrado, imediatamente, suas aulas presenciais para a modalidade remota.

4. Materiais e análises

A partir das discussões dos sujeitos da pesquisa, esse novo normal e uma sala de aula mediada pelos usos massivos das TD, buscamos entender a perspectiva desse grupo quanto a utilização dessas tecnologias nesse cenário configurado pelo vírus da covid-19.

Para fins de análise, decidimos apresentar e discutir os resultados das respostas distribuindo-os em duas categorias: a primeira investigou a relação entre estudantes, TD e conhecimento e a segunda, investigou as percepções dos graduandos a respeito do uso que seus professores fizeram das TD durante a pandemia.

4.1. Os sujeitos da pesquisa e as Tecnologias Digitais

Os primeiros dados nos remeteram à idade dos respondentes, 67,6% estão entre as idades de 18 a 21 anos e, 32,3%, entre 22 e 25 anos. Para definir esta geração, Prensky (2001) os chamou de “nativos digitais”, descrevendo-a como conectada e ligada em rede. Segundo o autor, eles cresceram cercados por todo tipo de ferramenta tecnológica como smartphones, internet, redes sociais, mensagens instantâneas, entre outras, e sobretudo, são pessoas que processam as informações diferentemente das gerações anteriores.

Entendemos que há uma Geração Z ou Geração *Homo Zappiens* [...] possuidora de características de uma geração nativa digital. Os indivíduos dessa geração, com comportamentos e ambientes próprios da contemporaneidade, apresentam e familiaridade com o uso das TD estão sempre conectados [...] uma geração onde a maioria encontra-se imersa nesse novo paradigma de transição, de tempos remoto de um ensino tradicional para outro, com viés pedagógico tecnológico. (LIAO e MOTTA, 2021, p. 4)

Esta geração de *Homo Zappiens* (VEEN e VRAKING, 2009) escolhe as tecnologias que querem usar, lidam com fluxos de informações descontinuadas, circulam entre várias comunidades virtuais ao mesmo tempo e possuem atenção limitada a um breve espaço de tempo. Diante disso, “não tem paciência para ouvir um professor explicar o mundo de acordo com a suas próprias convicções (VEEN e VRAKING, 2009, p. 11).

Liao e Motta (2021) alertam que o mais importante nesse interregno educacional tecnológico é a perspectiva da Sabedoria Digital (PRENSKY, 2012), que entende a forma pela qual a informação consolida-se enquanto conhecimento. Necessariamente, a sabedoria digital relaciona-se com a reflexão e a utilização conscienciosa da tecnologia e não apenas pela sua facilidade em manuseá-la.

A esse mesmo ponto de vista, Prensky (2012) acrescenta que, apesar dos nativos digitais terem nascido envoltos às tecnologias e as utilize, não significa que sejam hábeis e capazes de “tomar decisões mais sábias aprimoradas pela tecnologia”. (PRENSKY, 2012, p. 212). Ser sábio digital é usar com maestria a tecnologia e associar a habilidade do uso das tecnologias com a competência em extrair tudo que ela pode oferecer. Além disso, o uso das TD mudou o modo como se ensina e aprende, pois

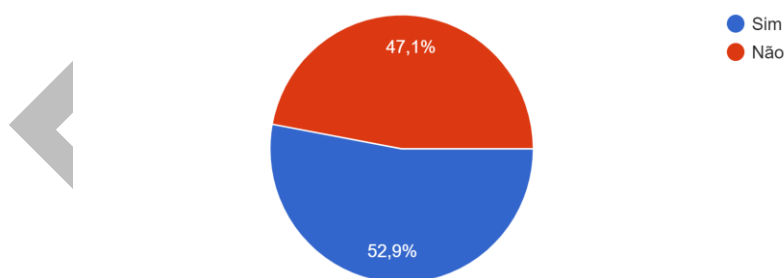
[...] as novas possibilidades de acesso à informação, interação e de comunicação, proporcionadas pelos computadores (e todos os seus periféricos, as redes virtuais e todas as mídias), dão origem a novas formas de aprendizagem. (KENSKI, 2003, p. 4).

Neste sentido, buscamos entender qual a percepção dos estudantes sobre o uso das TD por si próprios e como estes percebem essa utilização pelos seus professores, considerando os possíveis desdobramentos do processo de ensino e aprendizado e uma maior apropriação de conhecimento, neste momento de aulas remotas.

As perguntas direcionadas aos estudantes buscavam compreender se houve mudança ou aprofundamento da relação destes com a utilização das TD no ensino remoto em tempos de pandemia. Uma das perguntas referia-se ao ficar, por vontade própria, um ou dois dias sem utilizar o celular (fig. 1) e teve por pretensão indicar algum tipo de dependência desses jovens quanto à necessidade de conexão permanente.

Figura 1. Gráfico sobre o uso do celular

Você consegue, por vontade própria, ficar um ou dois dias sem utilizar o celular?



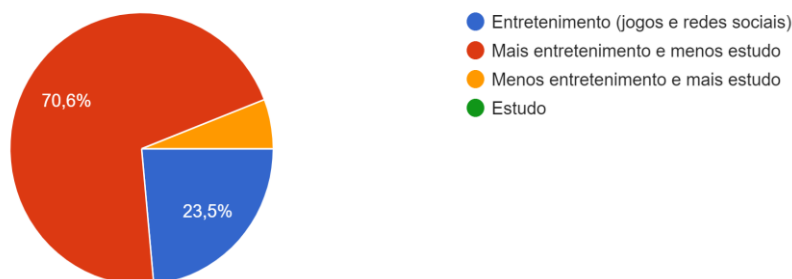
Fonte: Autoria própria (2020)

Diferente do que supomos em um primeiro momento sobre uma geração conectada e em rede, que não conhece o mundo sem o celular, conexões de internet e redes sociais, os respondentes dessa geração não se mostraram tão conectados assim. Um pouco mais da metade do grupo investigado, ou seja, 52,9% afirmaram conseguir manter-se offline por algum tempo. Esse dado nos faz refletir sobre outras estratégias de ensino que também podem ser consideradas.

Porém, ao questionarmos sobre o uso do celular (fig. 2), 70,6% disseram acessá-lo mais para entretenimento e menos para estudo, 23,5% só para entretenimento, como jogos e redes sociais, e apenas 5,9% disseram usar para menos entretenimento e mais estudos.

Figura 2. Gráfico sobre o uso do celular

Geralmente, você utiliza celular para:



Fonte: Autoria própria (2020)

Temos, portanto, 94,1% indicando que o celular, neste caso, não é visto como um instrumento que remete ao estudo, ou seja, não é uma prática para esses sujeitos usar o celular para pesquisar ou estudar. Cabe destacar, também, que nenhum dos entrevistados usava o celular exclusivamente para o estudo e que somente 5,9% utilizavam mais para estudo que entretenimento.

No que diz respeito à modalidade de ensino, questionou-se se a universidade na qual estuda oferece disciplinas à distância e 70,6% responderam que sim. As universidades estão em conformidade com a Portaria do MEC nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019 (BRASIL, 2019), que permite a oferta de carga horária na modalidade Educação a distância (EaD) na organização pedagógica e curricular de cursos presenciais, até o limite de 40% da carga horária do curso.

Aqui compete apresentar a diferença entre disciplinas que já eram oferecidas na Educação a Distância antes da pandemia e ao ensino remoto emergencial de disciplinas, que antes eram presenciais. Estes dados estão associados à pergunta sobre esta modalidade de ensino, conforme veremos a seguir.

A EaD, segundo o MEC³, é uma modalidade educacional onde a mediação e os processos de ensino aprendizagem ocorrem por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Todos os envolvidos, sejam eles tutores, professores ou alunos, desenvolvem atividades escolares em lugares e tempos diversos, ou não, através de atividades síncronas e assíncronas. Além da legislação que regulamenta a EaD, existe uma concepção pedagógica e uma didática próprias, as quais abrangem conteúdos e atividades com adequação do design audiovisual às características de cada área de conhecimento, contemplando também o processo avaliativo do estudante.

Já na interação com o professor durante uma atividade síncrona, há a prerrogativa de que sejam, exclusivamente no mesmo horário em que a disciplina ocorreria no presencial, mantendo a rotina de sala de aula num ambiente virtual, mediadas pela tecnologia e acessado pelos envolvidos nos diferentes espaços.

³Norma disponível em <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>. Acesso em 15 jun 2021.

Nessa modalidade, o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física (MOREIRA e SCHLEMMER, 2020, p. 9)

Ambas as modalidades utilizam as TD em ambientes virtuais e os envolvidos no processo podem acessar a aula e/ou material em diferentes espaços geográficos. Cabe ressaltar que a modalidade de ensino remoto não se caracteriza como uma educação a distância e sim como um ensino emergencial em tempos de isolamento social.

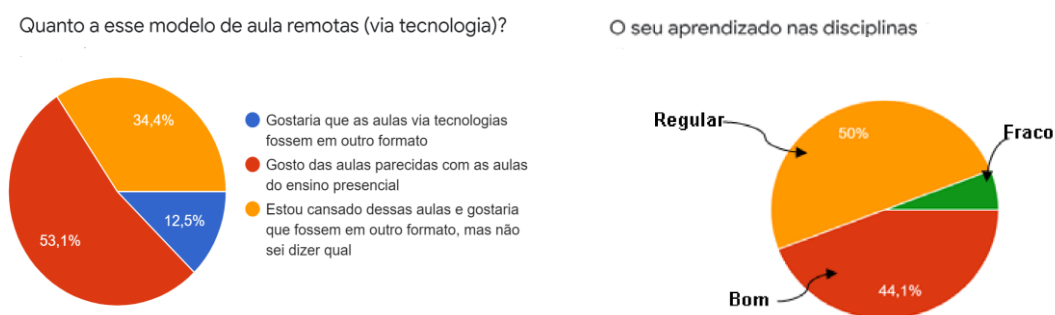
Inicialmente, especulamos que esse exemplo de ensino remoto parecia estar se pautando na simples transposição de uma sala de aula tradicional para um espaço virtual, nem sempre com as mesmas possibilidades, pois “a comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza videoaula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de web conferência.” (MOREIRA e SCHLEMMER, 2020, p. 9)

Ao questionar sobre as aulas que estavam sendo oferecidas naquele momento de pandemia, 44,1% responderam que são muito diferentes e, 41,2% disseram ser muito próximas às aulas presenciais. Não houve como inferir em relação à metodologia utilizada pelo professor. Porém, se comprovou a partir das respostas, que apenas 14,7% afirmaram que as aulas oferecidas no ensino remoto eram diferentes e que outros materiais eram apresentados.

Nesta mesma perspectiva, quando se questionou sobre o modelo de aulas remotas (fig. 3), 53,1% e 34,4% disseram, respectivamente, que gostavam das aulas parecidas com o ensino presencial e estavam cansados das aulas remotas, mas não saberiam dizer que outro formato. Apenas 12,5% gostariam de aulas em outro formato.

Cogitamos que o modelo de aulas, provavelmente, esteja relacionado com a aprendizagem. Na pergunta sobre a aprendizagem das disciplinas, particularmente no momento em que o ensino estava online, obtivemos 94,1% das respostas entre regular e bom, o que contrasta com o fato de que o rendimento “muito bom” não foi considerado (fig. 3).

Figura 3. Gráfico sobre o modelo de aula remoto e a aprendizagem



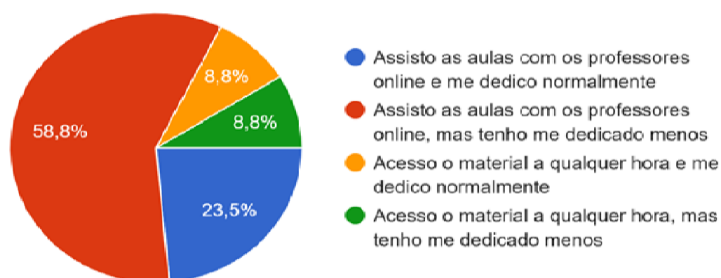
Fonte: Autoria própria (2020)

Este contraponto entre os modelos de aulas remotas e a aprendizagem nos leva a perceber que o uso das TD no Ensino Superior continua tendo um caráter instrumental que vem sendo dado ao uso das tecnologias “reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo.” (MOREIRA e SCHLEMMER, 2020, p. 7)

Também há de se considerar outro fator importante evidenciado no ensino remoto e sua relação com a aprendizagem levantado nessa investigação. Ao questionarmos os estudantes sobre a rotina de estudo, 67,6% disseram assistir aulas online ou acessar o material a qualquer hora, porém a dedicação aos estudos estava sendo menor do que normalmente ocorria. Também, 32,3% responderam que se dedicavam normalmente, independente se assistiam as aulas síncronas ou acessavam o material a qualquer hora.

Figura 4. Gráfico sobre a rotina de estudo

Quanto á sua rotina de estudo:

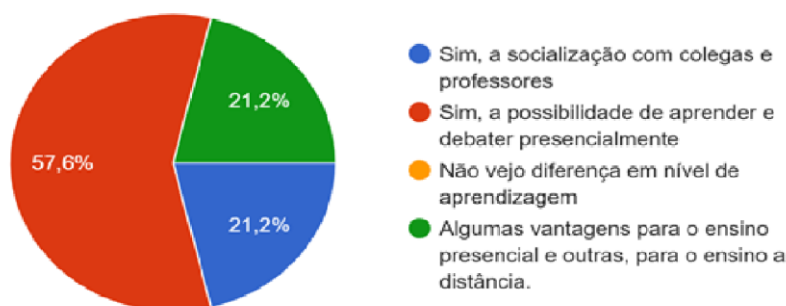


Ao considerar que a formação acadêmica seria prejudicada se as aulas remotas, em virtude da pandemia, perdurassem por mais dois anos, 84,4% dos respondentes disseram que sim. Acreditamos que estes dados têm estreita relação com a preferência entre ensino remoto ou presencial dos estudantes participantes dessa pesquisa. Quando foram questionados sobre esta preferência, 73,5% disseram preferir apenas o presencial, 23,5% preferiam o presencial, mas também aprendiam *online* e o restante disse que aprendia igualmente em ambos. Nenhum dos respondentes disse que preferia, exclusivamente o ensino remoto.

Ainda sobre o ensino presencial, 57,6% disseram que aprender e debater presencialmente era visto como uma vantagem, 21,2% afirmaram que a socialização com os colegas e professores eram os maiores ganhos (fig.5), e nenhum dos respondentes se pronunciou sobre não ver diferenças em nível de aprendizagem. Considerando as escolhas por “Sim” e “Algumas vantagens”, percebe-se que 100% dos respondentes observaram vantagens no ensino presencial. Isto pode estar relacionado à percepção dos estudantes sobre a aprendizagem em ensino remoto ter tido 94,1% de respostas entre regular e bom.

Figura 5. Gráfico sobre a vantagem no ensino presencial.

Existe vantagem no ensino presencial?



Neste aspecto, percebe-se o quanto o contato do professor/alunos e alunos/alunos auxiliam no processo de ensino e de aprendizagem, principalmente quando envolve a afetividade, comunicação e respeito. Ademais, os recursos digitais, os materiais disponibilizados em plataformas, videoaulas, sugestões de portais educacionais, objetos educacionais, aplicativos e multimídias, são algumas das tecnologias disponíveis que podem ser utilizadas. Ressaltamos que os entrevistados pensam haver diferença entre o ensino remoto e presencial. Acreditamos que os professores, de um modo geral, tentam se adaptar a este novo modelo emergencial e buscam ferramentas e metodologias que podem suprir a presença física do professor. É o que discutiremos a seguir.

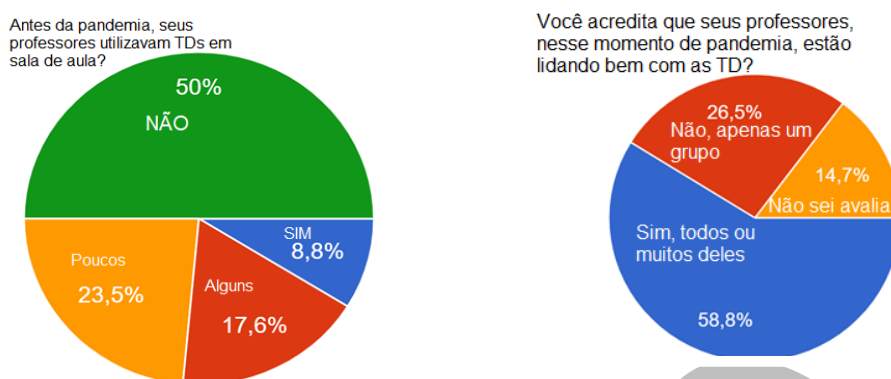
4.2. Os professores e as Tecnologias Digitais

Os pesquisadores questionaram os estudantes a respeito da utilização da TD por seus professores, intencionando investigar se ocorreu mudança na prática docente e uma possível adaptação dos docentes para o ensino remoto.

A primeira questão referia-se às atividades síncronas e 85,3% dos respondentes disseram que os seus professores ofereciam atividades em tempo real com a participação dos alunos, o que comprova a concepção de que o modelo adotado seria o ensino remoto. Este dado contrasta, também, com o que apresentamos na fig. 4 sobre a rotina de estudos. Os estudantes alegam que, apesar de assistirem as aulas *online* (67,6%), a dedicação aos estudos tinha sido insuficiente, o que pode caracterizar a opção de 73,5% pelo ensino presencial.

Em relação ao uso ou não das TD, quando perguntamos se, antes da pandemia, os seus professores as utilizavam em sala de aula, 91,2% disseram que utilizavam pouco ou não faziam uso das TD. Quando foi questionado se os professores, neste momento de ensino remoto emergencial, estavam utilizando e lidando bem com as TD, 58,8% dos respondentes disseram que todos ou muitos deles, enquanto 26,5% afirmaram que apenas um grupo de professores estava lidando bem. Esse fato parece nos indicar, claramente, que foi uma exigência dos sistemas de ensino o que levou os professores a usarem as TD, antes consideradas desconhecidas. Apresentamos a seguir dois gráficos para fins de comparação.

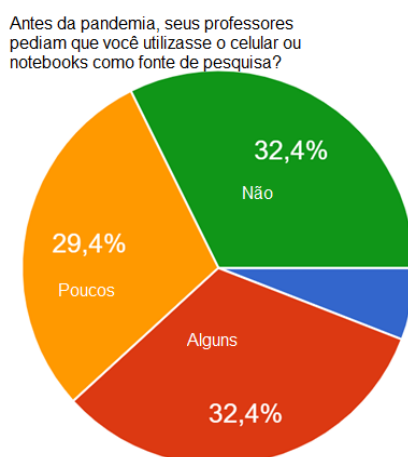
Figura 6. Gráfico TD e os professores



Fonte: A autoria própria (2020)

Especificamente, sobre solicitar que usassem os celulares ou notebooks como fonte de pesquisa no ensino presencial, 32,4% disseram que seus professores não solicitavam, 29,4% afirmaram que poucos professores solicitavam seu uso, 32,4% disseram que alguns e somente 5,8% dos professores pediam e incentivavam o seu uso. Lembrando que no consenso disponibilizado no Formulário do Google, poucos ou alguns, indicariam o quantitativo de até 30%. Isto nos leva a cogitar se os professores consideravam as TD como instrumento de pesquisa/informação ou como simples forma de entretenimento. Observando o gráfico adiante, percebemos que menos de 6% do total de docentes possuía essa perspectiva de inclusão das TD como fonte de investigação, pois o total de 94,2% de repostas englobavam as opções: não pediam, poucos pediam e alguns pediam.

Figura 7. Gráfico TD antes da pandemia e os professores



Fonte: A autoria própria

Com o intuito de oportunizar os respondentes a emitir a sua opinião, foi solicitado que eles citassem pelo menos uma desvantagem para o ensino oferecido nesse formato atual,

ou seja no modelo remoto emergencial, especificando o que mais os incomodava. Os relatos confirmaram aspectos evidenciados nas respostas do questionário sobre as categorias analisadas, a saber: a percepção dos estudantes sobre a relação entre os professores e TD e, entre os alunos, TD e o conhecimento no ensino remoto emergencial.

Em relação ao primeiro aspecto, 48,1% disseram que as aulas no ensino remoto eram muito longas, cansativas, validando a percepção da falta de preparo dos professores tanto para lidar com as tecnologias, quanto na execução da condução de aulas remotas. Devido a estes aspectos, a concentração e a atenção dos alunos ficavam reduzidas. Sobre estes aspectos, reproduzimos a fala de três estudantes:

- *“O que mais me incomoda é ter que assistir as aulas pelo computador, pois algumas aulas são muito longas, o que acaba se tornando muito cansativo.”* (estudante A)
- *“A desvantagem é q esse tipo de ensino exige uma diferente abordagem, porém nem todos os professores conseguem se adaptar a isso”.* (estudante B)
- *“O fato de ser muitas horas na frente do computador.”* (estudante C)

Conforme as falas demonstram, a dinâmica das aulas e a reprodução de metodologias e práticas que, muitas vezes, eram típicas do ensino presencial, podem estar evidenciando um ensino remoto que intenciona transpor a didática de uma sala de aula tradicional para um ambiente virtual de aprendizagem. Também há de se considerar que essa mudança tão rápida e emergencial, imposta para os professores e o uso forçoso da TD, comprovou que “os professores de forma geral, mesmo despreparados quanto ao uso das TD, tentaram utilizar essas ferramentas junto a seus estudantes” (LIAO, MOTTA, 2021, p. 293).

São situações que, por vezes, produzem certo mal-estar entre os professores, pois as mudanças podem ser “[...] muitas vezes dolorosas e implicam enormes desafios institucionais de adaptação, de inovação, de alterações estruturais, de flexibilidade, de enquadramento e de liderança”. (MOREIRA, SCHLEMMER, 2020, p. 7).

Outro aspecto refere-se à aprendizagem que, segundo os entrevistados, não foi tão efetiva devido à falta de rotina de estudos, o “tirar dúvidas” e o contato com o professor. Essa situação nos leva a concordar com Moreira e Schlemmer (2020) quando afirmam que a tecnologia sozinha não muda a forma pela qual o professor exerce sua prática pedagógica, mas exige uma mudança de paradigma, uma personalização do percurso de aprendizagem.

5. Conclusões

A partir dos resultados dessa pesquisa, buscamos entender como os estudantes, no contexto do ensino remoto emergencial temporário, perceberam a utilização das TD pelos seus professores e por si próprios, considerando a apropriação do conhecimento e os possíveis desdobramentos do processo de ensino e aprendizagem.

Podemos especular a partir desse interim, que migrar o mesmo material, currículo, metodologias e práticas utilizadas no ensino presencial para um modelo remoto online, não indica ensino significativo, fazendo-se necessário todo um (re)pensar e planejamento pedagógico. Também percebe-se que não basta equipar as escolas e inserir nas aulas os aparatos tecnológicos disponíveis.

Fato é que usar as TD com fins meramente instrumentais, mantendo o ensino transmissivo ocasionou aulas muito longas e cansativas provocando nos estudantes, conforme depoimentos, dificuldades de concentração e atenção. Assim, de acordo com os dados da pesquisa, supomos que muitos professores fizeram uma mera transposição do que era ensinado na sala de aula para o online, o que nos mostra que a inserção apenas de tal artefatos tecnológicos não foram favoráveis para que o público se estimulasse pelos conteúdos os quais eram ensinados.

Porém, há de se cogitar que a realidade de uma situação inesperada decorrente do distanciamento social devido à pandemia de covid-19, ocasionou a migração forçosa dos alunos para aulas online. As capacitações, reformulação de currículos, preparação para nova realidade foram organizadas abruptamente, obrigando a realização de aulas por meio das mais diversas plataformas de forma emergencial.

Vale ressaltar o quão necessário é investir em um repensar tecnológico a fim de suprir a demanda de estudantes conectados à utilização das TD, repensar as demandas que emergem do sujeito contemporâneo, criar e desenvolver práticas educativas que abram espaço para a descoberta, para o diálogo dos diferentes saberes, um processo de ensino e de aprendizagem que se constitui a partir das múltiplas estratégias, sejam nos espaços formais e informais, presenciais ou remotos, com tecnologias analógicas ou digitais.

Esse artigo apresenta um ensaio propenso à discussão do ensino remoto, seus desafios e impactos que, após a análise dos dados coletados nessa pesquisa, ainda poderá ser problematizado e aprofundado em estudos e investigações futuras, tendo em vista estarmos diante de um tema de grande complexidade.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - covid-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ed. 53, 18 mar. 2020. Seção 01, p. 39.

BRASIL. Portaria MEC Nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019 **Diário Oficial da União nº 239**, de 11 de dezembro de 2019 – Seção 1– pág. 131 Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino. Disponível em <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913>.

BACICH, L. MORAN, J. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática.** Ed. Pensa.2020

CHRISTENSEN, C. M.; HORN, M. B.; STAKER, H. **Ensino híbrido: uma inovação disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos.** 2013. Disponível em: <https://www.christenseninstitute.org/publications/ensino-hibrido/>. Acesso em: 27 abr 2020.

GARUTTI, S; FERREIRA, V. L. **Uso das tecnologias de informação e comunicação na educação.** In: Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v.20, n.2, p. 355-372, jul./dez. 2015. Disponível em Acesso em: abril 2019.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

LIAO, T; MOTTA, M. S. **Interregno educacional e o cambiar de paradigmas no chão da escola: realidades e simulações. Inovações e Tecnologias Digitais na Educação: uma busca por definições e compreensões.** Ponta Grossa: Atena Editora, 2021, p. 291-317.

MINAYO, M. C. S., SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MORAN, J.M.; MASETTO, M.; T.; BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 12. ed. Campinas, SP: Papirus. 2006.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife.** Revista UFG, 2020, V.20

PRENSKY, M. **Brain gain: Technology and the quest for digital wisdom.** New York, NY: Palgrave Macmillan. 2012.

PRENSKY. M. **Digital game-based learning.** Nova York: McGraw-Hill. 2001.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOUZA, R. S.; KERBAUY, M. T. M. **Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação.** Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017.

STRIEDER, R. **Educação e humanização: por uma vivência criativa.** Florianópolis, SC.: Habitus, 2002.

VEEN, W.; VRAKING, B. **Homo Zappiens: educando na era digital** / Wim Veen, Ben Vrakking ; tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: LIAO, T. *et al.* Ensino Remoto: um Panorama do Uso das Tecnologias Digitais na Perspectiva de Graduandos da Rede Privada. **EaD em Foco**, v. 12, n. 2, e1701, 2022. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i2.1701>

PRELHO